

em tão irredutível adversário! Pois não é a República, segundo os integralistas, «a forma primária do governo», e não «preferem sempre os povos em via de formação as instituições democráticas»? (1) Ai tendes, pois, as «condições originárias» a que vos referis; a aceitar as vossas doutrinas, vós sois democráticos na medida mesmo em que sois quintonianos. Tendo ido à caça, fostes vós que caístes na esparrela; e não tendes remédio, amigos, senão abjurar contritamente do vosso quintonismo, se quereis ficar integralistas, para satisfação vossa e entretenimento de nós todos.

Mas não se vê que recorrendo a tais argumentações biológicas, absolutamente teóricas e ilusionistas, o integralismo perde o contacto com as realidades mais imediatas, e despreza o terreno mais sólido de argumentação e o método mais positivo e mais científico? Se podemos ver a sociedade, por assim dizer, a olho nu, para que a olharemos então através das lentes deformadoras das analogias biológicas? Os reaccionários procedem como se para provar que o homem envelhece se pusessem a fazer estudos sobre as manchas do sol. É na história e pela história que se pode averiguar que o progresso existe; é na história e pela história que se pode determinar se esse progresso se tem ou não efectuado no sentido das aspirações democráticas. Negava-se diante de Demócrito a realidade do movimento. Demócrito, como única resposta, pôs-se a andar. Se a humanidade andou, para que serve aos srs. integralistas ir desencantar as suas biologias as razões profundas por que não pode andar? Não lhes responde a história como Demócrito? É ela aqui o grande *argumentum baculinum*. Que o movimento progressivo da humanidade é real, eis o que a ninguém pode oferecer dúvidas. Bastará comparar a situação do operário americano com a do ilota helénico. As formas da vida social teem vindo num progresso crescente, ainda que se não possa dizer contínuo, muito embora o neguem os integralistas. E se assim é, porque seria absurdo e contra todas as lições da experiência confiarmos do futuro uma mais completa realização da democracia?

Se o passado do homem foi longo, muito mais longo será porventura o seu futuro. Muito mais, pois, que os dias que já passaram, o farão, o hão de esculpir e criar os dias que estão para vir.

(1) Monsaraz, *Cartilha monárquica*, p. 5. Creio inútil afirmar que esta assimilação da democracia moderna às formas antigas de governo assenta sobre analogias inteiramente superficiais, e que não há ninguém, hoje em dia, suficientemente informado, que reincidente em as estabelecer.

Pretender o contrário seria um erro tão absurdo como afirmar que só as águas passadas teriam o privilégio da sedimentação. A humanidade continuará a engenho-se em progressos sucessivos, não só para se conservar, como quer Quinton, mas para crescer a sua potência de vida, para alargar o seu domínio sobre o universo, e para realizar, numa natureza, em certos aspectos surda e implacável, os destinos mais largamente e mais nobremente humanos. Esperemos, confieemos. Tenhamos no tempo uma grande fé. O simples facto de durar é para a humanidade uma grande promessa e uma grande esperança...

RAÚL PROENÇA.

* * * * *

Nós e o «Mundo»

AUGUSTO CASIMIRO SÍMBOLO
DA FALTA DE PATRIOTISMO

O *Mundo*, em editorial, bem por certo da pena do sr. Urbano Rodrigues, braveja indignações contra um comentário aqui publicado a respeito do sr. Teixeira Gomes. De caminho o director daquele jornal refere-se à *Seara Nova* entre agri-dôce, e ora lhe faz bichinha gata, ora de alto lhe joga o seu desdem. Quanto ao miserando articulista, que se atreveu a mexer com o nosso ministro em Londres, a êsse, o sr. U. Rodrigues não lhe poupa os ultrajes da sua cólera e vai ao duro extremo de o apontar como «símbolo da falta de patriotismo».

Pelo que toca ao sr. Teixeira Gomes, por muita consideração que alguns dos directores da *Seara Nova* mantenham por S. Ex.^a, como de facto mantem, nenhum dêles, todavia, acredita na inviolabilidade dos homens.

Crêem, pelo contrário, que ao avigoramento da personalidade convém de quando em quando as tónicas massagens da opinião pública. Além disso, detestam os ídolos, e as idolatrias. E o turíbulo cá da casa, mais que para as subtilezas da imaginativa, se acende para os heroísmos morais.

Falemos agora do autor do comentário. Êsse, o considerado verrineiro, é nem mais nem menos que Augusto Casimiro. O «símbolo da falta de patriotismo» do sr. U. Rodrigues, tão apontado, o pobre, pelos seus desdens, é o autor da *Hora de Nùn'Alvares*, do *Nas Trincheiras da Flandres*, dos *Calvários da Flandres*, e do *Sidónio Pais*, que são no seu conjunto a mais bela afirmação de patriotismo das letras contemporâneas em Portugal. Êsse símbolo de anti-patriotismo ficou, ironia

do destino! como o mais puro símbolo do heroísmo português durante a *Grande Guerra*. Em fim êsse terrível anti-patriota, tão duramente verberado pelo acendrado patriotismo do sr. Urbano Rodrigues, não ganhou nada com a guerra, nem sequer teve as doces e lustrosas compensações que ela trouxe a muitos e, continuando a ser um pobre oficial numa guarnição de província, reservou-se apenas o pequeno prémio de poder servir de exemplo aos que melhor amam e servem a sua Pátria. E se «encontrou o meio de se tornar conhecido em Inglaterra», não foi certamente pelo comentário da *Seara Nova*, como pretende o sr. Urbano Rodrigues, mas pelos actos que lhe valeram o ser agraciado com a *Military Cross* inglesa.

Mais afirma o director do *Mundo* que o sr. Teixeira Gomes tem feito mais numa hora por Portugal em certos casos do que poderia fazer todo o batalhão de criticos da *Seara Nova* na sua vida inteira. Pasmem o sr. U. Rodrigues do nosso reincidente desatino: nenhum de nós trocaria o seu passado pelo do sr. Teixeira Gomes, nem mesmo... pelo de V. Ex.^a Pode o sr. Teixeira Gomes ter um passado mais brilhante e vistoso, mas a obra de cada um de nós não a excede êle em pertinácia combati a, em áspero sacrificio e dedicação sem limites por uma causa desinteressada. Permita-nos mais que lhe digamos que alguns de nós, nas horas de maior perigo e dúvida, temos defendido a República e a Pátria com as armas nas mãos. Temos, enfim, procurado sempre os postos de risco e sacrificio e não nos podemos, ai de nós! vangloriar «de viver perto das chancelarias». Mais lhe lembraremos ainda que, em matéria de imprensa republicana, a *Seara Nova* conta já no seu activo êstes dois pequenos serviços: — o da campanha contra o integralismo, pela primeira vez feita com a necessária seriedade, e o ter contribuido decisivamente para abortar um movimento revolucionário, que teria sido a morte moral da República.

Pelo que diz respeito à essência do comentário em questão, êle pertence à responsabilidade do autor. Resta-nos para remate declarar que, ainda quando a sua opinião contivesse qualquer parte de injustiça, nós preferimos sempre os excessos iconoclastas às demasias bajulatórias.

Sobre êste assunto recebemos a seguinte carta de Augusto Casimiro:

Meus amigos:

O *Mundo*, num artigo editorial, estranha e acusa, como revoltante de injustiça e insultuoso, para o Sr. Teixeira Gomes, o eco publicado no último número da *Seara Nova* com as iniciais A. C.

Pego-vos, meus queridos companheiros, declinem o meu nome como autor dêsse eco, por cujas afirmações,—feitas sem qualquer propósito insultuoso e em pleno conhecimento do que me devo,—eu fico responsável. Em livro prestes a publicar, *Naulila*, direi, face aos documentos publicados no *Livro Branco*, como aquelas afirmações são justas e como o nosso Ministro em Londres, incondicional servidor da política do Sr. Grey, colaborou na pavorosa política de que o Sr. Freire de Andrade leva as culpas totais, e a pátria e o exército, sofreram, na sua honra, as mais dolorosas consequências.

De «como foi, depois, colaborador da nobre e lusitana tarefa do sr. Augusto Soares», corrigindo as suas culpas naquela,—também o Livro Branco fala, e de como vem sendo a esbatida sombra fiel, elegante e correcta duma política exterior que serve os nossos interesses apenas depois de servir e quando o permitem os interesses alheios,—direi que dos arrependimentos, das rectificações conhecidas à sua política, não tenho eu razões para aplaudir a actividade presente de quem tão lamentavelmente serviu, numa hora maior, os interesses de Portugal.

Vosso

Augusto Casimiro

* * * * *

O Raid aéreo Portugal-Brasil

Gago Coutinho e Sacadura Cabral são marinheiros. Pertencem ao número daqueles que em Portugal representam ainda os fortes e nobres ascendentes das épocas heroicas. Correram, em actividades diversas, em serviço da Pátria, os mares e os continentes. Enquanto passava sobre a nação, perdido, o tempo que só o tumulto, a indiferença, a ignorância, o desdém duma vida heroica e dum nobre destino, marcavam e manchavam, nos vastos mares, em pequenos navios, nas vastidões sem fim dos nossos domínios de África, êsses homens desenvolveram, com fidalguia e sem descanço, em honra e proveito da Pátria, a energia que lhes consome a alma e lhes amplia o poder criador.

Foram da falange rara e fidalga. Vimo-los nos confins de Angola, para lá dos nossos domínios, onde o Zambeze nasce. Eles cruzaram a África. Quem escreve êstas linhas lembra, como vido, as noites de acampamento, no mato do extremo Lovale, em que, entre estrangeiros, a figura do comandante Gago Coutinho, a sua presença, a sua obra, a sua alegria, o seu passado, eram para nós, portugueses, uma insígnia, em lábaro do nosso orgulho português.

Sacadura Cabral e Gago Coutinho são aviadores, hoje. Lusiadas, tentou-os a mais bela façanha, a que está no ritmo das nossas mais altas horas. Receberam das mãos dos gloriosos navegadores de antanho o mandato sagrado de renovar, por novo elemento, as trajectórias gloriosas dos descobrimentos. E vão tentar unir, na curva audaciosa dum largo vôo, Portugal ao Brasil.

Bem hajam! Deus os leve e nos dê a alegria de saborear o seu triunfo! Que, graças a êles, Portugal não é apenas trulento egoísmo, baixeza solerte, ignorância da Pátria, negação de heroísmo. Ao meio do tumulto e da anarquia que as ambições, a amoralidade ou a indiferença das falsas elites provocam e comandam, há em Portugal ainda almas atentas ao que faz a nobreza das Pátrias, exalta a Vida e dignifica o Mundo!

A. C.